

A INTERNET COMO *NOVA* INSTITUIÇÃO PARA CONFISSÕES SOBRE O CORPO

Jeferson Bertolini¹
Paula Melani Rocha²

Resumo

Este artigo apresenta pesquisa que analisou 7.023 comentários feitos por homens e mulheres na página do programa *Bem Estar*, da *Rede Globo*, no *Facebook*. Buscou-se saber (a) quem, entre homens e mulheres, mais usa a internet para fazer *confissões* sobre o próprio corpo e (b) quais os assuntos que mais despertam essas confissões. O trabalho adota etnografia de tela. Concilia estudos de jornalismo, de gênero e o conceito de *confissão* de Michel Foucault (1926-1984). O texto diz que as confissões na web ajudam a formar um conjunto de informações sobre homens e mulheres, e que esse conjunto permite a criação de uma série de saberes/poderes sobre os corpos masculino e feminino.

Palavras-chave: Jornalismo. Gênero. Corpo.

THE INTERNET AS A NEW INSTITUTION FOR BODY CONFESSIONS

Abstract

This article presents research that analyzed 7,023 comments made by Internet users of the *Bem Estar* program. The work investigates (a) who, between men and women, uses the internet to make confessions about their own bodies and (b) which subjects most arouse those confessions. The work adopts screen ethnography. It reconciles journalism, gender studies and the concept of confession by Michel Foucault (1926-1984). The text says that the confessions on the web help to form a set of information about men and women, and that this set allows the creation of a series of knowledge / powers about the male and female bodies.

Keywords: Journalism. Genre. Body.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados de pesquisa sobre os gêneros masculino e feminino e o consumo de notícias de saúde e bem-estar no Brasil. Buscou-se saber (a) quem, entre homens

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – Santa Catarina – Brasil. Doutor em Ciências Humanas (UFSC), mestre em Jornalismo (UFSC) e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo (Univali). ORCID <<http://orcid.org/0000-0003-2781-6547>>. E-mail: jefersonbertolini@gmail.com.

² Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa – Paraná – Brasil. Doutora em Ciências Sociais (UFSCar), mestre em Ciências Sociais (UFSCar) e graduada em Ciências Sociais (USP). Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e da graduação em Jornalismo da UEPG. ORCID <<http://orcid.org/0000-0001-5525-6650>>. E-mail: renatacarreon@gmail.com.

e mulheres, a partir desse tipo de notícia, mais usa a internet para fazer *confissões* sobre o próprio corpo e (b) quais os assuntos que mais despertam essas confissões.

Confissão é um termo notório na obra do pensador francês Michel Foucault (1926-1984). Refere-se, em resumo, ao ato de *dizer de si* sobre assuntos ligados ao corpo (como o sexo) a instituições clássicas (como a medicina). O *dizer de si* abastece essas instituições com informações preciosas sobre o homem (espécie). O resultado é que, como o tempo, essas instituições passam a deter um conhecimento sistematizado sobre a espécie e, como isso, se sentem aptas a dizer o que é normal e o que é anormal.

Neste trabalho, em uma releitura de Foucault, *confissões* têm a ver com o ato voluntário de contar de si em comentários de rede social para revelar comportamentos, manias ou vaidades, relatar anseios, angústias e preocupações, denunciar violências e traumas ou simplesmente contar experiências sobre o próprio corpo. Nos comentários de rede social, o *dizer de si* não se dirige a uma instituição específica, como uma especialidade médica; é disponibilizado ao público.

Na perspectiva deste estudo, o jornalismo de TV, por meio de notícias sobre saúde e bem-estar, tem despertado ou ampliado o interesse de homens e mulheres por esses temas, e a internet tem funcionado como uma *nova* instituição onde as pessoas fazem relatos (ou *confissões*) sobre o corpo. *Nova* instituição porque escolas, igrejas, hospitais e consultórios médicos já desempenharam este papel (FOUCAULT, 2012).

Para este estudo, as confissões na internet ajudam a formar um conjunto de informações sobre o comportamento de homens e mulheres. E esse conjunto, acessível ao Estado, à Medicina e a outras organizações, permite a criação de uma série de saberes/poderes sobre os corpos masculino e feminino.

No Brasil, a aposta em programas jornalísticos sobre saúde e bem-estar começou em 2000, quando o médico Drauzio Varella passou a apresentar quadros no *Fantástico*, da Rede Globo, como *Viagem ao corpo humano*, *E Agora Doutor*, *Questão de Peso* e *Menopausa*. A aceitação desses temas na grade jornalística foi tamanha que, em fevereiro de 2011, a emissora criou um programa diário para tratar do tema, o *Bem Estar*. Este programa, usado como objeto de estudo deste trabalho, permaneceu no ar até abril de 2019, quando foi rebaixado à condição de quadro do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, da grade de entretenimento da emissora.

Esta pesquisa analisa os programas de TV sobre saúde e bem-estar sob o prisma do biopoder (forma indireta de governar a vida que existe no Ocidente desde o século XVII e que busca aumentar as potencialidades dos indivíduos para produzir corpos economicamente

ativos (FOUCAULT, 2012)). Acredita-se que esses programas potencializam o biopoder porque, por meio das notícias sobre saúde e bem-estar, acabam por estimular o cuidado com o corpo, alvo principal do biopoder. Em sentido clássico, notícias são um enunciado jornalístico com “informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e a curiosidade de um grande número de pessoas” (AMARAL, 1969, p. 60).

No momento em que o jornalismo potencializa o biopoder, o *corpo* se firma como objeto de pauta diária: suas potencialidades são explicadas em programas ao vivo; os riscos a que está exposto são alertados por comunicadores com credibilidade; os segredos do seu bom funcionamento são explicados por médicos, nutricionistas e outros técnicos que, agora, falam ao grande público via meios de comunicação, e não mais de seus consultórios reservados. Uma das consequências é que o corpo torna-se alvo de uma atenção e de um cuidado coletivo poucas vezes observado ao longo da história. O corpo é o ponto de apoio sobre o qual o poder controla os indivíduos. “O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica” (FOUCAULT, 2015, p. 144).

Este trabalho associa temas do Jornalismo e da Filosofia por meio de técnica interdisciplinar. A interdisciplinaridade “é uma estratégia eficiente para a compreensão, interpretação e explicação de temas complexos” (MINAYO, 2010, p. 441). É “um conceito que invocamos sempre que nos defrontamos com um problema cujo princípio de solução exige o consumo de múltiplas perspectivas” (POMBO, 2007, p. 7).

O texto está dividido três seções. A primeira explica a metodologia. A segunda traz exemplos de *confissões* escritas por internautas. A terceira faz uma análise dessas confissões no contexto da obra de Foucault (2012; 2015). O manuscrito conclui que, na esteira das notícias sobre saúde e bem-estar, a internet se firma como nova instituição para confissões acerca do corpo, e que essas confissões amplificam o poder do Estado e da Medicina sobre homens e mulheres.

2 METODOLOGIA

Este estudo analisou 7.023 comentários de internautas na página do programa *Bem Estar* no *Facebook*. A técnica de pesquisa escolhida foi a etnografia de tela. Trata-se de uma técnica contemporânea que adota recursos da antropologia clássica para estudar o comportamento humano no ambiente digital. “A etnografia de tela é uma metodologia que

transporta às telas (de TV, do computador etc.) procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como imersão do pesquisador no campo” (RIAL, 204, p. 30).

A técnica foi empregada nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2019. Foram os três últimos meses cheios antes de o programa deixar a grade de produtos jornalísticos da *Rede Globo* e se tornar um quadro na grade de entretenimento. Por escolha dos autores deste trabalho e por causa dos limites da etnografia de tela (não houve nenhum tipo de interação com os pesquisados), não foram feitos recortes por idade, raça, escolaridade etc.

Os comentários foram extraídos de 71 postagens feitas pelo *Bem Estar* no *Facebook* nos três meses de pesquisa (*comentário* é o que o internauta escreve na caixa de diálogos da rede social; *postagem* é a publicação que a equipe de jornalistas do programa faz na rede social). Como recorte, foram escolhidas as postagens relativas à pauta principal do programa nos referidos dias. Dessas 71 postagens, 62 referiam-se a assuntos de saúde de interesse geral para homens e mulheres (Exemplos: como evitar zumbido de ouvido, em 02/01; como funciona crise de pânico, em 08/01; o avanço da dengue, em 15/02; como evitar sardas e manchas na pele, em 07/03). Sete diziam respeito à saúde da mulher (Exemplo: como aliviar cólica menstrual, em 24/01). E dois tratavam de saúde do homem (Exemplo: câncer de pênis, em 18/01). Neste trabalho, os resultados foram avaliados no todo dos comentários.

O número de comentários não foi definido previamente: ocorreu de acordo com a interação e o interesse dos internautas. O número de postagens analisadas foi definido pelo total de dias úteis (uma por dia) em que o programa foi apresentado em seu canal tradicional, a grade de jornalismo nas manhãs da *Globo* (houve cancelamentos por causa de plantões do jornalismo, de jogo de futebol e do carnaval).

O total de comentários não é representativo de nenhuma parcela dos brasileiros, nem de usuários que interagem na página do *Bem Estar*. Trata-se de uma amostra por acessibilidade, na qual “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam representar o universo” (GIL, 1995, p. 97).

Dos 7.023 comentários analisados nos três meses de estudo, 951 (13,54) foram identificados como *confissões*. Significa que revelam algum comportamento, mania ou vaidade, relatam algum anseio, angústia ou preocupação, denunciam algum tipo de violência e trauma ou simplesmente contam experiências sobre o próprio corpo (as classificações foram feitas pelos autores deste trabalho).

A página do programa *Bem Estar* no *Facebook* foi escolhida para análise de comentários pelo fato de este programa ter sido o primeiro da TV aberta brasileira a tratar exclusivamente sobre saúde.

A atração foi criada em fevereiro de 2011. Até abril de 2019, era apresentado de segunda à sexta-feira, ao vivo, entre 10h e 10h45, com o argumento de “ajudar o público a levar uma vida mais saudável”. Na TV, era apresentado por dois jornalistas, que contavam com o suporte de sete médicos consultores (pediatra, psiquiatra, ginecologista, dermatologista, oftalmologista, cardiologista e ortopedista).

Os temas abordados giravam em torno de sete rubricas principais, segundo classificação deste estudo: *alimentação* (destaca-se a importância de comer de forma saudável, evitar excessos e recusar comidas que contenham muita gordura, sal ou açúcar); *atividade física* (incita-se o exercício físico e ensina-se a importância de treinar o corpo de forma equilibrada: nem de mais, nem de menos); *cuidados estéticos* (embora a proposta do programa não seja valorizar a vaidade, é comum a apresentação de temas como limpeza de pele, cirurgia plástica, tratamento capilar e afins); *males urbanos* (fala-se sobre temas como os efeitos da poluição no organismo); *comportamento* (relaciona-se saúde a temas como organização da casa, animais domésticos e importância de brincar); *doenças* (costuma-se usar tom de alarmismo para males menos graves, como diabetes, e tom de descontração, pensamento positivo e esperança para males graves, como aquela doença que ninguém gosta de citar o nome) e *funcionamento do corpo* (explica-se como o corpo funciona, como os segredos do ouvido e os genes da doença).

Em 2019, segundo a emissora, o *Bem Estar* atingia, na TV, 5,8 milhões de telespectadores por dia. A audiência era formada por 68% de mulheres e 32% de homens. A maioria era da classe C (47%). Os demais eram das classes A e D (35%) e E (18%). A distribuição do público por faixa etária era: de quatro a 11 anos (4%), de 12 a 17 (6%), de 18 a 24 (7%), de 25 a 49 (42%), maiores de 50 (41%)³.

Na internet, eram acessadas 4 milhões de páginas por mês e eram vistos 1,3 milhão de vídeos de reportagens exibidas na TV. As mulheres representavam 53% das visitas. Os homens, 47%. O público era das classes A e B (60%), C (38%) e D (2%). A distribuição por faixa etária era: de seis a 14 anos (3,3%), de 15 a 24 (23,2%), de 25 a 34 (31,2%), de 35 a 44 (20,9%), de 45 a 54 (12,3%) e maiores de 55 (9%).

O surgimento do *Bem Estar* se deu após o sucesso de quadros sobre saúde lançados pela *Rede Globo* em outros programas jornalísticos da emissora. O mais notório deles foi a participação do médico Drauzio Varella no *Fantástico*, a partir do ano 2000, quando ele apresentou a série *Viagem ao corpo humano*.

³ Dados fornecidos em outubro de 2017 pela *Rede Globo*. Disponível em: encurtador.com.br/beAJQ.

Para levar a mensagem em favor da vida ao público, o *Bem Estar* vale-se de uma série de ferramentas jornalísticas. As mais usadas são as reportagens gravadas, construídas a partir da fala de especialistas (geralmente médicos) e personagens (pessoas comuns, que tratam determinada doença, por exemplo). Os links de algumas das principais reportagens são compartilhados na página do programa no *Facebook*.

No âmbito geral, o programa segue aquilo que Traquina (2001) chama de saberes do jornalismo: saber de reconhecimento (capacidade de reconhecer quais são os acontecimentos que possuem valor de notícia), saber de procedimento (refere-se aos conhecimentos que orientam os passos na recolha de dados para elaborar a notícia; implica a identificação e verificação dos fatos e saber de narração) e saber de procedimento (consiste na capacidade de compilar todas essas informações e empacotá-las em uma narrativa noticiosa, em tempo útil e de forma interessante).

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Nesta seção, este estudo apresenta *exemplos* de comentários/confissões feitos por internautas na página do programa *Bem Estar* no *Facebook*. Para preservar as pessoas observadas, esta pesquisa não citará nenhum nome.

Mulheres

Nos comentários analisados, percebe-se que, *na internet, mulheres podem relatar experiências, traumas e violências que, no contato pessoal, muitas costumam evitar falar*. Exemplo disso ocorreu em 08/03 (sobre violência doméstica). “Vendo o programa de hoje vejo que meu pai é esse cara [agressor]. Mesmo separados, ele coloca minha mãe para baixo, faz ela acreditar que é louca, fala muitos palavrões, faz ela de empregada, agride fisicamente e some quando denunciado. Ameaça de todas as formas caso ela não tire a denúncia. Muito triste! Uma denúncia no 180 demora até 6 meses para ser chamado na delegacia”, revela uma internauta. “A única coisa que meu ex-marido não fez foi me bater, porque de resto ele fez de tudo”, escreve outra mulher. “Sinto muito, mas os homens têm se safado. Sofri e sofro violência de todo tipo. Já denunciei e nada”, relata outra. “Minha irmã com quase 50 anos de casada é agredida moralmente todos os dias. Não tem coragem de denunciar; filhos também nada fazem. Ela tem baixa autoestima. Isso me deixa muito triste. Ela não merece viver assim”, comenta outra.

O comentário *pode expor outra mulher da família*. “Minha filha de cinco anos tem escapes de xixi na roupa ao longo do dia, e à noite às vezes faz xixi na cama”, relata uma

mulher em 19/03 (sobre incontinência urinária). “Bom dia. Meu nome é J****. Tenho uma filha chamada L***. Ela tem 13 anos. Sente uma cólica muito forte. Às vezes ela está na escola e tem que vir embora porque sente muita dor. O que posso fazer para ajudá-la?”, diz outra internauta em 27/03 (sobre endometriose). “Minha filha menstruou aos nove anos. Mês que vem vai fazer 12 anos. Já não sei o que dar para ela para aliviar as cólicas”, relata uma mãe em 24/01, em postagem sobre cólica menstrual.

Também *pode revelar algum momento difícil do passado*. “Eu morei num abrigo para menores por um tempo quando tinha 16 anos. Por causa de todo o abalo emocional desenvolvi a psoríase. Ela apareceu nas mãos e braços. Fiz tratamento com cremes e pomadas. Ela desapareceu, mas sempre que me abalo psicologicamente ela volta”, revela uma internauta em 27/03 (sobre psoríase). “Eu já tive o síndrome do pânico. Emagreci tanto que tudo que eu comia eu vomitava. Tinha desintíria. Foi por Deus. Pensei que iria morrer porque me dava muita crises de choro. Remédio não fazia efeito”, diz mulher em 08/01 (sobre síndrome do pânico). “Tive depressão e há 19 anos sou viciada em rivotril. Comecei desmame e estou tomando só três gotas. O problema é que não tenho dormido bem, e não quero voltar ao médico com medo de ele aumentar a dose. Me ajudem com remédios naturais”, escreve outra.

Às vezes, *o comentário revela uma dor ou angústia reprimidas*. “Maravilha! Agora eu vou fazer [o exame papanicolau]. Parei de fazer por ser muito humilhada por ser pobre, feia e velha. Faz 15 anos que parei de fazer”, relata uma mulher em 18/01 (sobre sobre novo kit que permite fazer esse tipo de exame em casa).

Os comentários podem dizer respeito a intimidades, como mostra o exemplo de 19/03 (sobre incontinência urinária). “O que fazer se até na hora do sexo também escapa xixi. Estava fazendo tratamento, mas é humilhante porque sempre quem tem dinheiro fica em primeiro, só depois vem quem depende do SUS. Infelizmente esta é a realidade”, escreve uma internauta. Ou *à própria vaidade*. “Tenho 80 cm de barriga, e não consigo diminuir”, relata mulher em 06/03 (sobre barriga e risco de doenças).

Na observação, percebeu-se que *notícias relativas ao aparelho reprodutor feminino são as que mais despertam comentários*. Exemplos de 28/03 (sobre endometriose). “Fiquei seis meses sem menstruar. Esta semana ela [menstruação] desceu. Está muito forte”, escreve uma internauta. “Quem tem dificuldade pra fazer cocô ou que quando faz cocô e ele sai em bolinhas ou sai espedaçado pode ter alguma ligação com endometriose?”, revela outra. “Bom dia. Descobri aos 15 anos que tenho ovários policísticos. Minha menstruação sempre foi desregulada. Hoje, aos 22, nada mudou. Só consigo menstruar com o uso do anticoncepcional. Acho que isso pode dificultar que eu consiga engravidar”, relata outra. “Bom dia! Tenho 37

anos. Em outubro passado tive que me submeter a uma histerectomia total por conta da endometriose. Sofri por 14 anos com essas dores. Logo depois que tive meu filho nenhum ginecologista me ouvia. Até que encontrei um médico que ouviu minhas queixas e me passou uma ressonância da pélvis. Aí sim tivemos a certeza. Infelizmente já era tarde, e tive que retirar meus órgãos reprodutores”, conta outra. “Meu útero era normal. Depois que eu tive meu primeiro filho ele ficou retrovestido e o ciclo menstrual só vem de pouco em pouco”, comenta outra mulher. “Eu já fiquei seis meses sem menstruar. Fui ao médico, fiz preventivo, [exame] ultra transvaginal. A doutora disse que não tinha nada. Nesta semana minha menstruação desceu. Ela [médica] mandou eu tomar progesterona. Eu estava um ano sem tomar anticoncepcional para engravidar. Me ajudem”, pede outra. “Eu tenho muita cólicas e minha menstruação é desregular. Minha médica falou que não era nada, que era excesso de peso porque eu já tenho três filhos, mas eu ainda tenho muitas dores e tem dias que parece que estou com hemorragia”, relata outra. “Eu estava sem menstruar desde o ano passado. Parei de usar anticoncepcional, e parou de descer minha menstruação. Faz mais de uma semana que minha menstruação desceu. Não desceu normal, porque faz tanto tempo que não descia e era para descer bastante. Eu queria saber mais sobre este assunto”, pede outra.

As confissões *também aparecem em temas ligados à vaidade*. “Sempre faço retoque de raiz do meu cabelo usando progressiva com formol. Depois de três a quatro dias não aguento a coceira e os cascões que saem no meu couro cabeludo. Pior a alergia que tenho”, relata uma internauta em 23/01 (sobre uso de formol). “Fiz [alisamento] várias vezes, mas as duas últimas me deu uma alergia muito forte que fui para o médico. Ele diz que não é pra fazer mais”, conta outra, no mesmo dia.

Em alguns casos, *até promessas são reveladas*. “Fumei por 50 anos. Me deu trombose. Fiquei mal. Falei para Deus: se eu voltar da cirurgia não fumo mais. Faz dois anos que parei”, relata uma internauta em 23/01 (sobre cigarro).

Na mostra analisada, *boa parte dos relatos refere-se a experiências ruins em relação à saúde*. “Bom dia. Fiz uma cirurgia de bexiga baixa há três anos. Fiquei com uma sequela na perna esquerda. A médica disse que tinha que colocar uma tela orbitrix. Logo após a cirurgia, assim que passou a anestesia, percebi que não sentia a perna esquerda. Na região da virilha sinto uma dor muito forte e constante. Fiz vários exames e nada foi detectado. Sofro com essa dor. Preciso de ajuda”, relata uma internauta.

Homens

Nos comentários analisados, homens raramente se expuseram. Foram apenas seis comentários identificados por este estudo em 951 analisados nesta categoria.

É especialmente *raro homem revelar algo em relação à vaidade*. “Eu quero um produto que dê mais volume, pois faço selagem e [o cabelo] fica mais fino ainda”, revela um internauta em 18/02 (sobre queda de cabelo). “Hoje aceito mais, mas ainda uso algum produto [para evitar calvície]”, relata outro internauta no mesmo dia.

Diferentemente das mulheres, *homens não fazem alertas ou compartilham dicas de beleza*. “Dormir de lado você fica machucando a orelha. O rosto pode criar rugas”, escreve um internauta em 26/03 (sobre maneira correta de dormir).

Também *quase não se manifestam em relação a desejos tidos como “pouco masculinos”*. “Meu sonho ter uma letra bonita”, relata homem em 14/02 (sobre tipo de letra e personalidade).

Difícil *encontrar homem que escreva sobre dramas familiares*. “Minha mãe teve psoríase no corpo inteiro. Foi difícil de diagnosticar. Foram meses difíceis até os médicos conseguirem neutralizar e controlar a doença. Na época era difícil o medicamento. Era importado, faltava no Brasil. Trazíamos da Argentina pelo consulado aqui no Rio”, relata um internauta em 27/03 (sobre doença de pele). “Bom dia! Eu tenho psoríase. Quando tomei conhecimento, li muito a respeito e não deixei de frequentar clube ou praia. No ano passado comecei um tratamento com metotrexato e adalimumabe, pois é no corpo todo. Até o momento está resolvendo”, escreve outro internauta no mesmo dia.

A maioria de comentários feitos por homens são nada ou pouco reveladores. Em geral, eles costumam ter uma postura mais técnica ou opinativa, como mostram exemplos de 21/01 (sobre hábitos alimentares saudáveis). “Uma reportagem verídica. Dr Lair Ribeiro há tempo fala sobre”, escreve um homem. “Drogas, comida, bebida, ginástica. Tenha equilíbrio em tudo que faz. Este é o segredo”, diz outro.

Em linhas gerais, *homens tendem a manifestar opinião e crítica*, como mostram exemplos de 16/02 (sobre horário de verão) e 06/02 (sobre o rompimento da barragem em Brumadinho). “Esse horário [de verão] é ótimo para a turma que não sabe o que é hora para ir trabalhar”, escreve um internauta. “Eu odeio horário de verão. Poderia ir e nunca mais voltar. Deveria ser horário de Manaus em todo país, assim iria escurecer 5 da tarde todos os dias”, opina outro. “Carnavalização da desgraça alheia”, diz um internauta sobre a postagem referente a Brumadinho. “Estão [emissora] se aproveitando da desgraça dos outros pra ganhar ibope. Lamentável”, escreve outro.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para esta pesquisa, o uso de caixas de diálogo de internet para falar de si poderia ser visto como uma versão contemporânea da *confissão* clássica descrita por Foucault (2015). Este autor diz que a partir do século XVI houve uma incitação de instituições centenárias como escolas, igrejas e hospitais para que, especialmente as mulheres, falassem sobre sexo.

Tal processo foi intensificado a partir do século XVIII e abasteceu áreas como psicologia, psiquiatria, moral e pedagogia: a partir dos relatos das mulheres, essas áreas construíram um conjunto de saberes sobre elas e, mais tarde, passaram a exercer algum poder, como, por exemplo, dizer o que é normal e o que é perverso em relação ao sexo.

O sexo foi o tema central das confissões porque é o dispositivo fundamental do biopoder. Biopoder é uma forma indireta de governar a vida, iniciada no século XVII, que busca produzir corpos economicamente ativos e que se divide em disciplinas (recaem sobre o corpo dos indivíduos, procurando potenciá-los) e biopolítica (recai sobre a população como um todo, na tentativa de regulá-la). “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 2012, p. 152).

Em sentido clássico, a confissão está neste contexto. Ela é “o exame de consciência, toda uma insistência sobre os segredos [...]. O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso” (FOUCAULT, 2015, p. 344).

Por confissão, o autor entende “todos os procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito” (FOUCAULT, 2015, p. 390). Discurso, por sua vez, “são um formidável instrumento de controle e de poder” (FOUCAULT, 2015, p. 349).

Nesta pesquisa, as notícias relativas ao aparelho reprodutor feminino publicadas pelo *Bem Estar* no *Facebook* foram as que mais despertaram comentários/confissões. Em parte, isso pode se dever ao fato de, historicamente, de modo geral, mulher e reprodução serem vistas como quase sinônimos, como já ocorria no século XVI e que colocava a sexualidade da mulher no radar de instituições como Estado e Medicina.

Para Foucault (2012), o sexo dá lugar a vigilâncias infinitesimais, a controles constantes, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos, a todo um micropoder sobre o corpo. Também dá margem a medidas maciças, a estatísticas, a intervenções que visam todo o grupo social. “O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações” (FOUCAULT, 2012, p. 159).

A *confissão* em Foucault também está diretamente ligada à relação saber/poder (pode mais quem sabe mais). Um exemplo clássico dessa relação observa-se na psiquiatria: ao ouvir, em hospitais, clínicas e sanatórios, as verdades mais profundas daqueles considerados anormais, esse ramo da medicina desenvolveu um conjunto de saberes tão específicos sobre a loucura que, atualmente, tem o poder de dizer quem é louco e quem é são.

Foucault (2015) conclui, então, que não há saber neutro; diz que todo saber é político (não por ligar-se ao Estado, mas porque todo saber tem sua gênese em alguma relação de poder). O autor acrescenta que o poder, longe de impedir o saber, o produz. Essa produção de saber sobre o homem busca criar um estado de vida na população, formando sujeitos economicamente ativos.

Os estudos de Foucault (2012) sobre o sexo nortearam uma série de estudos posteriores. A título de exemplo podem ser citados os trabalhos de Vieira (2003) e Corrêa (2001), sobre a medicalização do corpo feminino; Costa (1983), sobre a passagem da medicina higienista dos centros urbanos ao espaço privado das famílias; Laqueur (2001) e Roeden (2001), sobre as diferenças históricas entre os sexos.

Os comentários em redes sociais e sites de notícia são um fenômeno recente se comparados a instituições como escolas e hospitais. Há, na perspectiva deste estudo, pelo menos dois eventos que ajudam a entender este fenômeno.

O primeiro é uma espécie de predisposição a falar de si. Freud (1973) desenvolveu a psicanálise, o método que ele aprimorou entre os séculos XIX e XX e que previa *a cura pela palavra*, a partir da confissão de pacientes. Coincidência ou não, a psicanálise opera a partir da *libido*, que está ligada às emoções e afetividades, e não só à sexualidade; e do *inconsciente*, que o austríaco comparava a um porão onde os sujeitos escondem seus dragões e que só é acessível por meio de atos falhos, sonhos e confissões.

O segundo é a migração da vida física ao ambiente digital. “O espaço cibernético é um terreno onde está funcionando a humanidade, hoje. É um novo espaço de interação humana” (LÉVY, 1996, p. 35). “O potencial do ciberespaço está em sua capacidade de criar uma comunicação ágil” (LEMUS, 2003, p. 27).

Uma das características mais marcantes deste ambiente virtual no qual as pessoas parecem à vontade para falar de si é a interatividade. Neste sentido, os comentários na internet, do ponto de vista da comunicação, são uma forma básica de interação do internauta (SALAVERRÍA, 2005).

Zamith (2011) lembra que a interatividade não nasceu com a internet. Ela já estava presente no rádio e na televisão, apesar de normalmente limitada a curtas intervenções, muito condicionadas pelos temas escolhidos e coordenados pelo moderador do debate.

Na internet, as possibilidades de interação são maiores, podendo assumir a forma de comentários publicados junto às notícias, troca de emails entre utilizadores e jornalistas, fóruns de discussão, salas de comunicação instantânea, inquéritos ou sistemas de valoração dos conteúdos (ZAMITH, 2011, p. 28).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou saber (a) quem, entre homens e mulheres, mais usa a internet para fazer *confissões* sobre o próprio corpo, e (b) quais os assuntos que mais desencadeiam essas confissões. O trabalho analisou 7.023 comentários escritos por internautas na página do programa *Bem Estar* no *Fabebook* e percebeu que, desse total, 951 (13,54%) referiam-se a algum tipo de confissão sobre o corpo.

Dos 951 comentários da categoria pesquisada, 945 (99,36%) foram escritos por mulheres e apenas seis (0,64%) por homens. Natural que o número de comentários escritos por mulheres fosse maior, uma vez que, como visto na seção metodologia, elas representam 68% da audiência do programa na TV (contra 32% deles) e 53% das visitas no site (contra 47% deles). Mas a diferença de porcentagem (99,36% contra 0,64%) verificada neste estudo vai muito além das duas fornecidas pelo programa.

Para este trabalho, isso pode se dever (a) à medicalização do corpo da mulher, que no Ocidente se observa com mais intensidade a partir do século XVIII por causa das ideias de família, reprodutora e protetora dos filhos (VIEIRA, 2003; COSTA, 1983; CORRÊA, 2001), e (b) ao comportamento de cunho machista, identificado desde antes do mundo grego, que desencoraja o homem de reconhecer-se como ser frágil, que teme a morte e que por isso dá atenção à saúde.

Em outra frente, este estudo identificou que postagens de notícias referentes ao aparelho reprodutor da mulher despertaram mais comentários. Exemplo notório disso ocorreu em 23/03, quando a principal postagem do programa falava sobre endometriose, doença que, entre outras consequências, pode dificultar ou impedir a gravidez.

Na avaliação deste estudo, esse resultado pode se dever (a) à tradição ocidental que associa mulher à maternidade (BADINTER, 1981; DONATH, 2017; DAVIS, 2016) e que,

não raramente, considera mulher completa somente aquela que se reproduz e que dedica a vida ao cuidado da prole.

No plano geral, este trabalho conclui que os depoimentos observados na página do programa *Bem Estar* no *Facebook* combinam com um tipo clássico de confissão: aquela observada por Foucault (2012) em instituições como hospitais, igreja, escolas e consultórios médicos e que permitiu a formação de uma série de saberes sobre as mulheres; esses saberes, por sua vez, levaram a uma série de poderes sobre elas.

A esse respeito, este trabalho considera que o ato de confessar pode se dever (a) a uma espécie de predisposição natural para falar de si, algo que Freud (1999) usou para criar o método da cura pelas palavras; (b) à internet, um ambiente que reúne humanos e computadores (SANTAELLA, 2004) e que se notabiliza pela comunicação ágil (LEMUS, 2003) e pelas possibilidades de interatividade (SALAVERRÍA, 2005; ZAMITH, 2011); e (c) ao jornalismo, que por meio de notícias sobre saúde e bem-estar, desperta ou amplifica o interesse de homens e mulheres por esses temas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- BADINTER, Elisabeth. **O Conflito: a mulher e a mãe**. São Paulo: Record, 2011.
- CORRÊA, Marilena Cordeiro Dias Villela. **Novas tecnologias reprodutivas: limites da biologia ou biologia sem limites?** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DONATH, Orna. **Mães Arrependidas: uma outra visão da maternidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise e contribuições à psicologia do amor**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEMUS, André. **Cibercidades**: um modelo de inteligência coletiva. In. Cibercidade. Cidades na cibercultura. Rio de Janeiro: e-papers, 2003.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: 34, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Complexidade. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 435-442, 2010.

RIAL, Carmen. **Antropologia e mídia**: breve panorama das teorias de comunicação. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis: UFSC, 2004.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

SHOEMAKER, Pamela; COHEN, Akiba. **News around the world**. London: Routledge, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

VIEIRA, E. Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción periodística en internet**. Barañáin: Universidad de Navarra, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

ZAMITH, Fernando. **A contextualização no ciberjornalismo**. 2011. Tese (doutorado em Informação e comunicação em plataformas digitais) – Faculdades de Letras, Universidade do Porto, 2011.